

# Suplemento Cultural

## ÁRVORES DA MINHA CIDADE

**RAQUEL NAVEIRA** – vice-presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, escritora/poeta

A Que ar de fazenda. É por isso que minha cidade, Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, foi eleita a mais arborizada do país. Uma terra toda feita de árvores e de lembranças.

Os ipês com suas copas abertas e arredondadas revestem-se de cores. As flores caem formando tapetes roxos, dramáticos. Imagino sempre um cervo de alta gahlada pastando pétalas, ruminando com olhos doces.

Os flamboyants, que dão nome a um bairro inteiro, flamejam em chamas de um vermelho-alaranjado. Novo Pentecostes em línguas de fogo sobre o verde rendado que se move ao vento. Todas as folhas terão seu momento de ver o sol, de beber crepúsculo, de servir a luz.

É esse corredor de flores na avenida que mais parece um cartão-postal, um quadro impressionista, um sonho cor-de-rosa? Avenida que leva o nome de Ricardo Brandão, o advogado e jornalista que lutou pelos direitos humanos e que ficaria lisonjeado com essa homenagem das melancólicas quaresmeiras.

Da mesma família das quaresmeiras são as paineiras. Prefiro as brancas, que soltam flocos de algodão, painas que encham os travesseiros como amor de mãe, leite de lívida nata tirado no curral, asas de anjos, maná caído do céu.

Por toda parte espalham-se figueiras, a cada esquina, a cada quintal. Figueiras que crescem enérgicas, lenhosas, rebeldes e retorcidas, prenhes de látex, de larvas e vespas. Abrigam aves, símios e morcegos presos aos pequenos figos como se fossem seios. O figo é uma fruta sagrada, que cresce na Terra Prometida juntamente com o trigo, a cevada, a uva, a romã, a oliva e a tâmara. A figueira é citada em muitos textos bíblicos: Adão e Eva, percebendo-se nus, coseram folhas de figueiras e fizeram cintas; Jesus amaldiçoou a figueira improdutiva, fazendo-a secar e seu sentido profético e profundo anuncia o fim do mundo. Oriundas de



IPÊS-AMARELOS – tingem de ouro a primavera campo-grandense

“Os ipês com suas copas abertas e arredondadas revestem-se de cores. Os flamboyants, que dão nome a um bairro inteiro, flamejam em chamas de um vermelho-alaranjado.”

minúsculas sementes, essas figueiras orientais estenderam suas ramadas e folhas de cinco pontas na direção deste oeste brasileiro.

Nas minhas mais antigas recordações, não podem faltar as mangueiras com seus corações ama-

relas, como essa junto ao grande e luminoso shopping; as jaqueiras com suas frutas enormes, pesadas, ovários de flores, bagos grudados na casca que parece um tatu; os ingás com suas longas vagens e caroços de polpa branca e adocicada. Tive uma infância de árvores carregadas, de um mundo tão rico que apodrecia ao meu redor.

Lembrei-me de Alberto Caetano, o heterônimo de Fernando Pessoa ligado à natureza e às sensações, quando ele se pergunta que metafísica têm as árvores. Talvez a de serem verdes e terem ramos, de darem frutos espontâneos a cada estação. A melhor metafísica é a das árvores que não pensam, que não sabem para que vivem, nem sabem que não sabem. Apenas cumprem seu destino de árvores. A beleza falando por si mesma, quando as palavras falham. Essência e potência em grau máximo. Árvores solitárias, perfeitas e puras.

Concentro-me no verde das árvores. Broches fincados no peito de cimento da cidade, entre prédios e luzes. Parou de chover. Ficou lavado o ar de fazenda da minha cidade.

### POESIAS

**AI – SE O VELHO, CHEGA O NOVO!**

(... cada ano é um renovo...)

Mais um ano se vai do calendário,  
Um ano a mais se esvai da nossa vida...  
Novo-Ano é talvez meta inatingida  
A quem o sonho é meta-imaginário.

Vão alguns carregando o seu calvário  
Pela estrada espinhosa e tão comprida...  
Tanta coisa ficando dolorida,  
Mas um poeta vai firme e visionário!

Não liga se ganhou ou perdeu tanto  
Do seu sonho, esperança, seu encanto,  
Se a vida roubou dele o que não tem...

O que importa é que, mesmo sob espinho,  
Conserva o dom do amor e do carinho  
Que o torna rico em Deus – a quem quer bem!

**GERALDO RAMON PEREIRA**

**Introspecções ao limiar do ano-novo**  
[ou: COMPROMISSO]

Eu tenho andado a mil, tenho mirado  
milhares de misteres e migalhas...  
Já perdi guerras e venci batalhas,  
fui inocente e me senti culpado...

Por mil e uma sendas tenho andado  
tentando contornar tantas muralhas  
que, pálidas, conhecem minhas falhas  
e buscam desarmar o meu cuidado.

Em campos de trigais, fui avelós  
sem sombra, em solidez, sondando, a só,  
os solitários sóis das solitudes...

Entanto, eu decidi: daqui pra frente,  
vou ser presente enfim no meu presente,  
não mais contemplarei os gestos rudes!

**RUBENIO MARCELO**

(com meus sinceros votos de muitas felicidades  
para todos os amigos – neste 2018 e sempre!)

## COM OS PÉS NA TERRA

“A época do Bijou Theatro”

**AUGUSTO CÉSAR PROENÇA** – cineasta/escritor de temas pantaneiros

No início do século passado, uma nova opção de lazer se espalhou pelo mundo e ganhou enorme publicidade, arrebatando multidões para assistir às cenas mudas e engraçadas daquelas comédias aceleradas e cheias de desastres: era o cinema. Aliás, o grande culpado da transformação, segundo o samba de Noel Rosa.

Embora ainda não produzindo filmes sonoros, mas já ousado a exibir filmes de beijos nas telas e a ensaiar as primeiras cenas eróticas, o cinema foi a novidade da época e causou impacto. Qualquer cidadezinha do interior inaugurava uma sala de projeção (tipo Cinema Paradiso), e vendia ilusões, fantasias, despertava paixões calorosas e inesquecíveis. O cinema passou a fazer parte da distração do povo, pelo menos até a chegada da televisão.

Dentre os vários cinemas que existiram em Corumbá, o Bijou Theatro foi o que mais se destacou e o que mais influenciou, com seus filmes mudos, a sociedade local, cuja distração era pouca, resumia-se a passeios pelas ruas mal-iluminadas, a eventuais idas a igrejas, casamentos, batizados, aniversários de amigos e parentes.

Situado na Rua De Lamare (e não “Delamari” como absurdamente muitas placas hoje indicam), esse estabelecimento, misto de teatro e cinema, fundado em 1906, marcou época e foi o “ponto chic” da cidade, durante muitos anos.

Tinha a capacidade de receber mais de 500 espectadores,

“Para o Bijou Theatro vieram as zarzuelas espanholas, as operetas italianas, os transformistas argentinos (mágicos, não confundir com os atuais), e uma gama de exóticas dançarinas (...).”

que se dividiam entre nobres camarotes e populares galerias e, segundo o Álbum Gráfico de Mato Grosso, editado em Hamburgo, em 1914, os contratos para as representações cinematográficas e teatrais eram feitos diretamente com as praças de Montevideu, Buenos-Aires e Rio de Janeiro.

Não é preciso dizer, então, que a influência dos astros e das estrelas sobre os hábitos e costumes do público foi decisiva. Artistas, naquela época, eram endeusados, idolatrados, imitados, ditavam a moda, e as casas comerciais das ruas De Lamare e Frei Mariano começaram receber artigos importados, de primeiríssima qualidade, para atender o desejo de uma clientela cada vez mais exigente. Quem não queria usar um vestido igual ao de Theda Bara, luvas de Florence Lawrence, cabelos cacheados

de Mary Pickford, chapéus Sara Bernhardt – celebridades que Hollywood fabricava e exportava para o mundo, como arma de propaganda, quando começou a dominar o mercado internacional de filmes?

Frequentado basicamente pela elite, sua maioria construída por estrangeiros que aportaram na cidade, no fim do século XIX e início do século passado, atraídos pelo bafejo de prosperidade que a cidade alcançou com a Navegação Fluvial, abrindo os caminhos das águas aos países platinos, o ambiente do Bijou Theatro era o mais cosmopolita possível. Eram os Vasquez, os Wanderleys, os Fialhos, os Bais, os Mônacos, os Cavassas, os ricos comerciantes do porto e suas famílias que o requentavam. Mas o Bijou também tinha espaço para o povo, que ia de galeria. Nos intervalos das sessões todos se reuniam num barzinho, em frente ao estabelecimento, para um papo que a cerveja da Cervejaria Nacional, da José Rodrigues San Pedro, descontraía.

Para o Bijou Theatro vieram as zarzuelas espanholas, as operetas italianas, os transformistas argentinos (mágicos, não confundir com os atuais), e uma gama de exóticas dançarinas que muitas vezes resolviam ficar na cidade trabalhando nas casas noturnas que iam se abrindo, todas, aliás, de nomes sugestivos, atestando esse período de transformação por que passava a cidade: Cabaré Nova Era... Nova Época...

E havia touradas ao ar livre, nos fundos do terreno, touradas inesquecíveis, cheias de vida, de vivas e de olés... que o tempo levou, mas deixou a História de uma cidade que assumia a sua vocação fluvial e despertava, otimista, para ocupar um lugar de destaque no antigo Estado de Mato Grosso.

## A MORTE DO AMOR

**AMÉRICO CALHEIROS** – poeta/teatrologo, ativista cultural

Será que os grandes amores ficaram enterrados no mais remoto passado, entre pálidas páginas da literatura romântica mundial, sufocados pelo encantador perfume das camélias? Ou teria sido apenas uma miragem coletiva, invenção de sonhadores, lorotas de desavisados, brincadeira de poetas sem outro ofício senão o de cantar amores.

Tem o amor raízes tão fortemente impregnadas na cultura mundial, que alimenta a própria história dos casais que se tornaram símbolos dessa invenção, ou tem apelos biológicos apenas que se revelam na complexidade dos sentimentos que se impregnam na psique humana?

Que fardo complicado esse de falar de algo que parece ter existido sempre e que, mesmo caindo na atualidade, já deve ter passado por milhares de crises semelhantes a essa pelos séculos afora e, mesmo assim, resiste firmemente à ideia de ser descartado do rol das necessidades básicas da humanidade!

Ora, essa chama que alimenta a mente do ser humano, e só a deixa plena se nela estiver presente, parece que está bem em baixa mesmo.

Onde estão as imagens atuais dos amores marcantes, símbolos dessa criação, como Cleópatra e Júlio César, Romeu e Julieta e

Margarida Gautier e Armando Duval, que referendam às criaturas mortais que amar vale a pena? Há uma clara ausência de exemplos e não só dos “Deuses do Olimpo”, como dentre as seres comuns.

Pelo contrário, o troca-troca de pares não deixa que se fixem, no imaginário popular, casais emblemáticos detentores das bênçãos de Vênus, a deusa do amor e da beleza.

Também, nos momentos nossos de cada dia, é matéria rara identificar casais que personificam o amor tão cantado em prosa e verso.

De tão idealizado, o amor parece que partiu para o plano dos deuses e ficou lá escondido em um cofre, guardado a sete chaves. Poucos lhe têm acesso. Ou, de fato, confirmando a tese de miragem coletiva, a humanidade está se despertando gradativamente desse torpor?

Talvez as guerras e a violência exacerbada que grassam pelo mundo afora e invadem as casas pela mídia, o destempero financeiro, a instabilidade econômica, moral e afetiva venham contribuindo com a perda da capacidade das pessoas de amar e de gerar, para o mundo, ícones do amor, num tempo tão sem motivação para tal. Ou, por outro lado, será que a reserva do amor, acumulada pela humanidade no decorrer dos milênios, acabou, nunca deveras existiu?

Desculpas, justificativas já re-

prisadas, cansadas só servem para ilustrar este tema que, na verdade, anda tão descolorido.

De um modo geral, o amor não é o produto de consumo mais indispensável como já o foi durante milênios. Hoje, assumidamente, milhares de pessoas, e até entre os mais jovens da nova geração, já admitem que a humanidade está caminhando para a independência do chamado amor ou para um outro tipo de relação com este sentimento que já deu à humanidade tão belos momentos e terríveis conflitos.

Apesar de ainda ser um apelo muito usado na mídia, o amor começa a sofrer sinais de esgotamento, na prática, onde se vê que ele não é mais o unânime objeto de desejo da maioria das vidas.

Conquistar segurança financeira, paz de espírito e viver bem com o próximo são os objetivos que mais vêm estimulando a batalha das pessoas, e parece que está sendo possível ser feliz, não dispensando a possibilidade de ter alguém ou até de amar, porém dando a essa questão o mesmo peso e a mesma medida dos outros indicadores do bem-viver. Definitivamente, os grandes arruobos, as desenfreadas paixões e similares vêm dando lugar a sentimentos mais centrados, onde razão e emoção convivem em especial harmonia.

Tomara que o amor, tão bem sintetizado por tantos nomes e histórias no caminhar da humanidade, não esteja se despedindo tão melancolicamente do cenário contemporâneo. Ou será apenas uma miragem minha?

### PREITO DE GRATIDÃO DA ASL

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras deseja manifestar – neste final de 2017 – todo seu sentimento de gratidão à pessoa do saudoso acadêmico e jornalista, Prof. J. Barbosa Rodrigues, que incluiu gentilmente em seu Jornal *Correio do Estado* esta página “Suplemento Cultural”, já com mais de qua-

tro décadas de publicação ininterrupta, cujo objetivo precípuo – a divulgação da produção literocultural dos acadêmicos da ASL – vem sendo respeitado e preservado religiosamente por seus familiares. Que tenhamos um Ano Novo repleto de sucesso e realizações!

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras – ASL  
(A Diretoria)